HOOKS, Bell. *The Will to Change: Men, Masculinity, and Love*. New York: Atria Books, 2004. Print.

A Vontade de Mudar
Homens, Masculinidade e Amor

Bell Hooks
traduzido por Ayodele e Ezequias Jagge
(Coletivo Nuvem Negra), 2018.

Capítulo 1: Procuram-se: Homens que amam

Toda mulher quer ser amada por um homem. Toda mulher quer amar e ser amada por homens em sua vida. Seja gay ou hetero, bissexual ou celibatária, ela quer sentir o amor do pai, avô, tio, irmão ou amigo. Se ela for heterossexual, ela quer o amor de seu parceiro. Vivemos em uma cultura onde mulheres emocionalmente famintas e destituídas buscam desesperadamente o amor do homem. Nossa fome coletiva é tão intensa que nos despedaça. Também não nos atrevemos a falar sobre isso por medo de sermos zombadas, desaprovadas, envergonhadas. Falar da nossa fome pelo amor masculino demandaria nomear a intensidade de nossa carência e de nossa perda. O ataque masculino, tão intenso quando o feminismo contemporâneo veio à tona pela primeira vez, há mais de trinta anos atrás, foi, em parte, um encobrimento furioso da vergonha que as mulheres sentiram, não porque os homens se recusaram a dividir seu poder, mas porque nós não pudemos seduzir, persuadir ou instiga-los a dividir suas emoções – a nos amar.

Ao reivindicar que queriam o poder que o homem possuía, as feministas que odeiam homens (que não eram de modo algum a maioria) dissimuladamente proclamaram que elas também queriam ser recompensadas por serem desconectadas de seus sentimentos, por serem incapazes de amar. Homens na cultura patriarcal responderam a demanda feminista por mais igualdade no mundo do trabalho e no mundo sexual através da abertura de espaços, da divisão das esferas de poder. O lugar onde a maioria dos homens se recusou a mudar – acreditaram-se incapazes de mudar – foi em suas vidas emocionais. Nem mesmo para amar e respeitar as mulheres livres os homens estavam dispostos a vir para a mesa do amor, como parceiros iguais, prontos para compartilhar do banquete.

Ninguém anseia tanto pelo amor masculino quanto uma pequena menina ou menino que de maneira legítima precisa e busca o amor de seu pai. Talvez esse pai esteja ausente, morto, presente em corpo, ainda que não emocionalmente, mas a fome da menina ou do menino por ser apreciado, reconhecido, respeitado, cuidado por ele, existe. Por toda nossa nação, um outdoor traz a seguinte mensagem: “Toda noite, milhões de crianças vão dormir com fome – de atenção de seus pais”. É improvável que o afeto maternal irá curar a falta do amor paternal, porque a cultura patriarcal já ensinou a meninas e meninos que o amor do pai é mais valioso que o amor da mãe. Não é por menos que essas meninas e meninos crescem com raiva dos homens, com raiva de a eles ter sido negado o amor que precisavam para se sentirem completos, dignos, aceitos. Meninas heterossexuais e meninos homossexuais podem tornar-se e tornam-se as mulheres e homens que fazem dos vínculos românticos o lugar onde buscam conhecer e entender o amor masculino. Mas essa busca é raramente satisfeita. Geralmente raiva, mágoa e um implacável desapontamento levam homens e

mulheres a fechar a parte de si que ainda tinha a esperança de ser tocada e curada pelo amor masculino. Eles aprendem, então, a arranjar um meio de alcançar qualquer tipo de atenção positiva que o homem seja capaz de oferecer. Aprendem a subvalorizar atenção. A fingir que isso é o amor. Aprendem a como não falar a verdade sobre os homens e o amor. Eles aprendem a viver essa mentira.

Enquanto criança, eu ansiava pelo amor do meu pai. Eu queria que ele me notasse, que me desse sua atenção e seu afeto. Quando eu não conseguia ser notada por ele por ser boa e obediente, eu me dispunha a correr o risco da punição por ser má o suficiente para atrair seu olhar fixamente em mim e suportar o peso de sua pesada mão. Eu desejava que aquelas mãos me segurassem, abrigassem, protegessem, me tocassem com carinho e ternura, mas logo aceitei que isso nunca aconteceria. Eu soube com a idade de 5 anos que aquelas mãos me reconheceriam somente quando me trouxessem dor e que, se eu pudesse aceitar aquela dor e suportá-la de perto, eu poderia ser a garota do papai. Eu poderia fazê-lo orgulhoso. Eu não estou sozinha. Vários de nós sentiram que poderiam conquistar o amor masculino mostrando que estávamos dispostos a suportar a dor, que estávamos dispostos a viver nossas vidas afirmando que essa masculinidade é verdadeiramente natural do homem, que se conter, retrair e recusar são características da masculinidade que desejamos. Aprendemos a amar mais os homens, porque eles não vão nos amar. Porque se eles tiverem coragem de nos amar, na cultura patriarcal, eles deixarão de ser verdadeiros “homens”.

Em seu comovente ensaio *In the Country of Men, Jan* Waldron descreve um desejo similar. Ela confessa, “o tipo de pai que eu desejava, eu nunca vi, exceto em vislumbres que eu embelezava com minha imaginação fértil.” Contrastando os pais amorosos que nós desejamos com os pais que nós temos, ela expressa essa fome:

“*Pai*. Esse é um voto contra todas as desigualdades, em face aos inúmeros exemplos do contrário. *Pai*. Isso não tem o efeito utilitário de “Mãe” ou “Mamãe”. Isso ainda é dito como o refrão de uma balada. É o juramento que se origina do coração e luta pela vida em meio à carnificina da persistente e óbvia história dessa realidade, até a escassa, contrária e insuportável possibilidade de continuidade. O amor materno é abundante e aparente: nós chegamos até a reclamar por receber muito dele. O amor de um pai é uma joia incomum, a ser perseguida, polida e acumulada. O valor aumenta por conta de sua escassez.”

Em nossa cultura, falamos muito pouco sobre o desejo pelo amor paterno.

Ao invés de nos trazer uma grande sabedoria sobre a natureza do homem e do amor, as feministas reformistas focaram no poder do homem, reforçando a noção de que, de alguma forma, homens eram poderosos e possuíam tudo. Contudo, os escritos feministas não nos contaram sobre a profunda miséria interna dos homens. Não nos contaram sobre o tremendo terror que atormenta a alma de alguém que não pode amar. As mulheres que invejavam homens e sua dureza emocional e sentimental não falaram sobre a profundidade do sofrimento masculino. E, por isso, levou mais de trinta anos para as vozes de feministas visionárias serem ouvidas dizendo ao mundo a verdade sobre o homem e o amor. Barbara Deming sugere essas verdades:

"Eu acho que o motivo pelo qual os homens são tão violentos é que eles sabem, em seu interior, que estão agindo mentirosamente e, então, ficam furiosos ao serem pegos na mentira. Mas eles não sabem como romper com isso... Eles são enfurecidos por agir mentirosamente – o que significa que em algum lugar em seu íntimo eles querem ser resgatados disso. São nostálgicos pela verdade."

A verdade que nós não dizemos é que os homens estão sedentos por amor. Esse é um anseio que pensadoras feministas precisam examinar, explorar e falar sobre. Aquele raro e profético feminismo visionário, que agora não é mais composto apenas por mulheres, não tem mais medo de abordar abertamente essas questões a serem debatidas, sobre homens, masculinidade e amor. Mulheres foram unidas por homens com mentes abertas e grande coração, que amam, que sabem o quão difícil é para os homens praticar a arte do amor em uma cultura patriarcal.

Em parte, comecei a escrever livros sobre o amor por causa das brigas constantes entre meu namorado Anthony e eu. Nós éramos (e no momento em que escrevo ainda somos) o primeiro relacionamento de cada um. Nós nos unimos esperando criar amor e encontramo-nos criando conflito. Decidimos terminar, mas até isso não trouxe um fim ao conflito. As questões pelas quais brigávamos estavam majoritariamente ligadas à prática do amor. Como vários homens que sabem que as mulheres em suas vidas querem ouvir eles declararem seu amor, Anthony fazia essas declarações. Porém, quando chamado a relacionar o seu "eu te amo" com definição e prática, ele descobriu que não encontrava palavras para isso, que se sentia extremamente desconfortável ao ser solicitado a falar sobre emoções.

Como muitos homens, ele não foi feliz na maioria dos relacionamentos que teve. A infelicidade dos homens em relacionamentos, a mágoa que os homens sentem pela falha do amor, muitas vezes passa despercebida na nossa sociedade justamente porque a cultura patriarcal realmente não liga se os homens estão infelizes. Quando mulheres estão com alguma dor emocional, o pensamento machista que diz que emoções devem e podem importar para mulheres faz possível para a maioria de nós externar o que está no nosso coração, falar disso com alguém, seja um amigo próximo, um terapeuta, ou o estranho sentado ao nosso lado no avião ou no ônibus. O patriarcado ensina uma forma de estoicismo emocional aos homens que diz que eles são mais viris se eles não sentirem, mas que, se por acaso eles sentirem e os sentimentos machucarem, a resposta mais máscula é empurrá-los goela abaixo, esquecê-los, esperar que vão embora. George Weinberg explica em *Why Men Won't Commit:* "A maioria dos homens está em busca da mulher perfeita, pronta, porque eles basicamente sentem que os problemas num relacionamento não podem ser trabalhados. Quando a menor coisa dá errado, parece mais fácil fugir do que falar sobre." A premissa masculina é que o verdadeiro homem não sente dor.

A realidade é que homens estão machucados e a cultura, por completo, os responde dizendo: "Por favor, não nos digam o que vocês sentem." Eu sempre fui fã do desenho *Sylvia*, onde duas mulheres se sentam e, enquanto uma olha para uma bola de cristal a outra diz: "Ele nunca fala sobre seus sentimentos." E a mulher que pode ver o futuro diz: "Às duas da tarde, pelo mundo inteiro, homens começarão a falar sobre seus sentimentos – e as mulheres de todo mundo irão se desculpar."

Se nós não podemos curar o que nós não sentimos, ao apoiar a cultura patriarcal que socializa homens a negar seus sentimentos nós os condenamos a viver num estado de dormência emocional. Nós construímos uma cultura onde a dor do homem não pode ter voz, onde a dor do homem não pode ser nomeada ou curada. E não são só os homens que não levam sua dor a sério. A maioria das mulheres não quer lidar com a dor do homem quando isso interfere na satisfação do desejo feminino. Quando o movimento feminista conduziu parte de si à libertação do homem, incluindo a luta pela exploração masculina dos “sentimentos”, algumas mulheres zombaram da expressão emocional dos homens com o mesmo desgosto e desrespeito de homens machistas. Apesar de existirem feministas que desejavam homens sentimentais, quando os homens trabalhavam para entrar em contato com seus sentimentos, ninguém queria realmente reconhecê-los por isso. Em círculos feministas, homens que queriam mudar eram por vezes rotulados de narcisistas ou carentes. Homens que individualmente expressavam seus sentimentos eram por vezes lidos como aqueles que queriam chamar atenção, manipuladores patriarcais tentando roubar a cena com seu drama.

Quando tinha meus vinte e poucos anos, eu ia a terapias de casal e meu companheiro de mais de dez anos me explicava como que eu o pedia para falar sobre seus sentimentos e, quando ele fazia isso, eu ficava histérica. Ele estava certo. Foi difícil para mim encarar que eu não queria ouvir sobre seus sentimentos quando eles eram dolorosos ou negativos, que eu não queria que a imagem que eu tinha de homem forte fosse desafiada ao aprender sobre suas fraquezas e vulnerabilidades. Lá estava eu, uma feminista esclarecida que não queria ouvir meu homem falar de sua dor porque isso revelava sua vulnerabilidade emocional. Conclui-se, então, que as massas de mulheres comprometidas com o princípio machista de que homens que expressam seus sentimentos são fracos não querem, de maneira alguma, ouvir homens falando, especialmente se o que eles têm a dizer é que se sentem machucados ou mal-amados. Muitas mulheres não conseguem ouvir sobre as dores de homem em relação ao amor, porque isso soa como um indicador de falha feminina. Uma vez as normas machistas tendo nos ensinado que o amor é nossa tarefa enquanto mães, amantes ou amigas, se homens dizem que não são amados, então sentimos que a falha é nossa; que somos as culpadas.

Só há uma emoção expressa pelos homens que o patriarcado valoriza; essa emoção é a raiva. Homens de verdade sentem raiva. E sua raiva, não importa quão violenta ou violadora, é tida como natural – uma expressão positiva da masculinidade patriarcal. Raiva é o melhor esconderijo para qualquer um que procura dissimular dor ou angústia espiritual. Meu pai era um homem furioso. Às vezes ele ainda é, mesmo já tendo passado dos 80 anos. Recentemente, quando eu liguei para casa, ele disse, falando sobre mim e minha irmã, “Eu amo muito vocês duas.” Maravilhada por ouvir meu pai falar de amor, eu queria conversar sobre, mas eu não consegui encontrar palavras. O medo me silenciou, o velho medo do pai patriarcal, silencioso e furioso e o novo medo de quebrar essa frágil relação de conexão afetuosa. Então eu não pude perguntar, “O que você quer dizer quando fala que me ama muito, pai?” No capítulo dedicado à nossa busca por homens amorosos em *Communion: The Female Search for Love* eu fiz essa observação: “Várias mulheres temem os homens. E o medo pode estabelecer as bases para o desprezo e a aversão. Pode ser um encobrimento de uma raiva mortal e reprimida”. O medo nos mantém longe do amor. Para além disso, muitas de nós mulheres raramente falamos para os homens o quanto nós os tememos.

Meus irmãos e eu nunca falamos com nosso pai sobre os anos que ele nos manteve como reféns – nos aprisionando atrás dos muros de seu terrorismo patriarcal. E mesmo em idade adulta, nós ainda temos medo de perguntá-lo: “Por que, pai? Por que você estava sempre tão bravo? Por que você não nos amava?”

Nas poderosas passagens onde escreve sobre a morte de seu pai, Barbara Deming nomeia esse medo. Como a morte estava rapidamente levando-o para longe de seu alcance, ela viu claramente que o medo o havia mantido longe dela todo aquele tempo – seu medo dela se tornar tão próxima, e o medo dela de buscar ser próxima dele. O medo nos impede de sermos próximas aos homens das nossas vidas; nos deixa distantes do amor.

Há um tempo atrás, eu pensava que isso era uma coisa feminina, esse medo dos homens. Porém, quando eu comecei a falar com homens sobre o amor, vez por vez eu ouvi histórias de medo masculino com relação a outros homens. De fato, homens que sentem e amam frequentemente escondem sua consciência emocional de outros homens por medo de serem atacados ou envergonhados publicamente. Esse é o grande segredo que todos nós guardamos – o medo do machismo patriarcal que cega todos em nossa cultura. Não podemos amar o que tememos. Esse é o motivo pelo qual várias tradições religiosas nos ensinam que não existe medo no amor.

Nós batalhamos então - todos nós - na cultura patriarcal, para amar os homens. Podemos nos importar com os homens profundamente. Podemos valorizar nossas conexões com os homens em nossas vidas. Podemos desesperadamente sentir que não somos capazes de viver sem sua presença, sem sua companhia. Nós podemos sentir todas essas paixões em face da masculinidade e ainda assim permanecer afastadas, mantendo a distância que o patriarcado criou, mantendo as fronteiras que nos falaram para não cruzarmos. Numa classe com estudantes que estavam lendo a trilogia de livros que escrevi sobre o amor, com quarenta homens falando sobre amor, nós falamos sobre pais. Um homem negro beirando os quarenta, trabalhador, cujo pai foi presente, falou sobre sua recente experiência com a paternidade, seu comprometimento em ser um pai amoroso e seu medo de falhar. Ele temia falhar porque não teve um modelo de amor. Seu pai estava quase sempre fora de casa, trabalhando, vagando. Quando ele estava em casa, seu jeito favorito de se relacionar era provocar e zombar de seu filho impiedosamente, com uma voz aguda cheia de sarcasmo e desdém, uma voz que podia humilhar só com uma palavra. Refletindo a experiência de vários de nós, o indivíduo contando sua história falou sobre querer o amor desse homem difícil, mas aprender, então, a não querer isso, aprender a silenciar seu coração, a fazer isso não importar para si. Eu perguntei a ele e a outro homem presente, “se vocês fechassem seus corações e calassem suas consciências emocionais, vocês saberiam como amar seus filhos? Onde e quando nas suas vidas vocês aprenderam a prática do amor?”

Ele disse a mim e aos outros homens sentados em nosso círculo de amor, “Eu só penso no que meu pai faria e então faço o oposto.” Todos riram. Eu afirmei essa prática, adicionando apenas que não é suficiente estar na zona de reação, pois ser simplesmente reativo é sempre arriscar permitir que um passado de sombras venha à tona no presente. Quantos filhos estão fugindo do exemplo de seus pais educando meninos que emergem como clones de seus avós, meninos que talvez nunca tenham conhecido seus avós, mas se comportam exatamente como eles? Para além de reações, qualquer

homem, não importa seu passado ou presente, não importa sua idade ou experiência, pode aprender como amar.

Nos últimos quatro anos, a única verdade clara que eu aprendi com os homens que conheci durante minhas viagens e palestras é que homens querem conhecer o amor e querem aprender a amar. Não há, contudo, literatura suficiente que fale direta e intimamente sobre essa necessidade. Após escrever um livro geral sobre amor, outro especificamente sobre povo negro e amor e, então, outro focando na busca feminina pelo amor, eu quis ir além e falar sobre homens e amor especificamente.

Mulheres e homens, na nossa cultura, gastam pouquíssimo tempo incentivando outros homens a aprender a amar. Até as mulheres que já estão de saco cheio dos homens, muitas das quais não são e talvez nunca venham a ser feministas, usam sua raiva para evitar estar realmente comprometidas em criar um mundo onde homens de todas as idades possam conhecer o amor. E ainda existe uma pequena vertente de pensadoras feministas que acreditam fortemente já ter dado tudo o que queriam para os homens; elas estão comprometidas apenas em melhorar o bem-estar coletivo das mulheres. Porém, eu insisto, a vida me mostrou que sempre que um homem se atreve a transgredir os limites patriarcais para amar, a vida de mulheres, homens e crianças são fundamentalmente mudadas para melhor.

Todos os dias nas telas da televisão e nos jornais impressos do país nos são trazidas notícias de uma constante violência doméstica masculina por todo o mundo. Quando nós ouvimos que meninos adolescentes estão se armando e matando seus pais, seus pares ou terceiros, uma sensação de alarme passa a permear nossa cultura. Todos passam a buscar respostas. Querem saber: “Por que isso está acontecendo? Por que tantos assassinatos cometidos por meninos agora, nesse exato momento histórico?” Ninguém fala sobre o papel que as noções patriarcais de masculinidade exercem ao ensinar meninos que é de sua natureza matar e que eles não podem fazer nada para mudar essa natureza – nada mesmo, significando assim, o mantimento de sua masculinidade intacta. Como nossa cultura prepara homens para abraçar a guerra, todos eles precisam ser doutrinados pelo pensamento patriarcal que os diz que é de sua natureza matar e gostar de fazê-lo. Bombardeados por notícias sobre violência masculina, não ouvimos nenhuma notícia sobre homens e o amor.

Somente uma revolução de valores em nossa nação acabará com a violência masculina, e essa revolução será necessariamente baseada em uma ética amorosa. Para criarmos homens capazes de amar, nós devemos amá-los. Amar o masculino é diferente de aplaudir ou recompensar homens por viverem fora das noções de identidade masculina definidas pelo machismo. Se importar com homens pelo que eles fazem por nós não é a mesma coisa que amar homens por eles simplesmente existirem. Quando nós amamos o masculino, nós estendemos nosso amor para além do desempenho dos homens ou da ausência dele. Desempenho é diferente de apenas ser. Na cultura patriarcal homens não são permitidos ser apenas quem são e se alegrarem por sua identidade única. Seu valor é sempre determinado pelo que eles fazem. Em uma cultura anti-patriarcal homens não tem que provar seu valor e importância. Eles sabem desde pequenos que simplesmente ser (existir) os dá valor e o direito de serem acalentados e amados.

Eu escrevo sobre homens e amor como uma declaração de profunda gratidão aos homens da minha vida, com quem eu pratico o trabalho do amor. Muito dos meus pensamentos acerca da masculinidade começaram na minha infância, quando eu testemunhei as diferenças nas formas como meu irmão e eu erámos tratados. Os padrões usados para julgar o comportamento dele eram muito mais duros. Nenhum homem atende aos padrões patriarcais com sucesso sem se envolver em uma prática contínua de auto-traição. Em sua infância, meu irmão, assim como muitos meninos, ansiava por se expressar. Ele não queria se conformar a um roteiro rígido de uma masculinidade apropriada. Como consequência disso, ele foi desprezado e ridicularizado pelo nosso pai patriarcal. Quando era mais novo, nosso irmão era uma presença amada na nossa família, capaz de expressar emoções de admiração e alegria. Porém, quando os pensamentos e ações patriarcais o reivindicaram na adolescência, ele aprendeu a mascarar seus sentimentos amorosos. Ele adentrou aquele espaço de alienação e comportamento antissocial considerado "natural" para meninos adolescentes. Nós, suas seis irmãs, presenciamos a mudança nele e lamentamos muito a perda de nossa conexão. O dano feito à sua autoestima enquanto menino persistiu durante sua vida inteira, pois ele continua lutando com a questão de se permitir auto-definir ou ser definido por padrões patriarcais.

Ao mesmo tempo em que meu irmão rendeu a sua consciência emocional e sua capacidade de fazer uma conexão emocional para ser aceito como "um dos garotos", rejeitando a companhia de suas irmãs por medo de que gostar de estar conosco o faria menos homem, o pai da minha mãe, Daddy Gus, achou mais fácil ser desleal ao patriarcado na velhice. Ele foi o homem na minha infância que praticou a arte de amar. Ele era emocionalmente atento e emocionalmente presente e, também, acabou sendo preso pelas amarras do patriarcado. Nossa avó, sua esposa de mais de sessenta anos, sempre investiu profundamente no modelo dominador dos relacionamentos. Para os "macho-men", Daddy Gus, o pai de minha mãe, parecia ser menos masculino. Ele era visto como o "dominado pela mulher". Eu posso me lembrar do nosso pai patriarcal expressando desprezo por Daddy Gus, chamando-o de fraco – e mostrando à Mama, através da dominação, que ele jamais seria dominado por uma mulher. Papai pegou essa admiração de Mama por seu pai, por sua capacidade de amar, e fez com que isso que era tão precioso para ela parecesse, na verdade, não ter valor algum.

Naquela época, Mama não sabia quão sortuda ela era por ter um pai amoroso. Como muitas mulheres, ela havia sido seduzida pelos mitos do amor romântico, de sonhar com um homem forte, dominante, controlador, audacioso e corajoso como um companheiro adequado para si. Ela se casou com esse ideal para encontrar-se presa em um vínculo com um homem sem amor, patriarcal, cruel e punitivo. Ela passou mais de 40 anos de casamento acreditando nos papéis patriarcais de gênero que diziam que ele deveria ser o único no controle e que ela deveria ser a única a obedecer e se submeter. Quando homens patriarcais não são cruéis, as mulheres nas suas vidas podem se agarrar ao mito sedutor de que elas são sortudas por terem um homem de verdade, um patriarca benevolente que provê e protege. Quando esse homem é repetidamente cruel, quando ele responde a carinho e cuidado com desprezo e desrespeito, a mulher na sua vida passa a enxergá-lo de uma maneira diferente. Ela pode então começar a questionar sua própria fidelidade ao pensamento patriarcal. Ela pode acordar e reconhecer que se casou com o abuso, e que não é amada. Esse momento de despertar é o momento do coração partido, do desgosto. Mulheres de coração partido em casamentos ou outras relações duradouras raramente deixam seus homens. Elas aprendem a construir uma identidade que parte do seu próprio sofrimento, amargura e reclamação.

Ao longo de nossa infância, Mama era a maior defensora de Papai. Ele era seu cavaleiro de armadura brilhante, seu amado. E mesmo quando ela começou a enxergá-lo como ele realmente era, e não como ela ansiava que ele fosse, ela ainda assim nos ensinou a admirá-lo e ser gratos por sua presença, sua provisão material, sua disciplina. Como uma mulher dos anos cinquenta, ela estava disposta a apegar-se a fantasia do ideal patriarcal, mesmo confrontando a brutal realidade da dominação patriarcal diariamente. Quando seus filhos deixaram sua casa, deixando-a sozinha com seu marido, sua esperança de que eles iriam achar seu modo de amar foi rapidamente desfeita. Ela foi deixada face-a-face com o emocionalmente fechado e frio patriarca com quem havia se casado. Depois de cinquenta anos de casamento ela não iria deixá-lo, mas já não acreditava mais no amor. Somente sua amargura ganhou voz; agora ela fala da falta de amor, de toda uma vida de dores no coração. Ela não está sozinha. Ao redor de todo o mundo, mulheres vivem com homens em estados de falta de amor. Elas vivem e choram.

Minha mãe e meu pai foram as minhas referências, que moldaram meus padrões de amor e desejo. Eu passei a maior parte do tempo entre os meus vinte e quarenta anos procurando conhecer o amor com homens brilhantes e intelectuais, que eram simplesmente emocionalmente inconscientes, homens que não podiam me dar o que não tinham, homens que não podiam me ensinar o que eles não sabiam – homens que não sabiam como amar. Nos meus quarenta anos, eu comecei um relacionamento com um homem muito mais jovem, que havia sido ensinado através da arte e prática do pensamento feminista. Ele era capaz de reconhecer ter um espírito doente. Quando criança, ele havia sido vítima da tirania patriarcal. Ele sabia que havia algo de errado por dentro, mesmo que não houvesse encontrado uma linguagem para articular o que estava faltando.

“Algo faltando aqui dentro” foi uma autodescrição que ouvi de vários homens enquanto eu andava pela nossa nação para falar sobre amor. Constantemente, algum homem me contava sobre antigos sentimentos de infância, de exuberância emocional, de prazeres não reprimidos, de se sentir conectado à vida e a outras pessoas, e do nada uma ruptura acontecer, uma desconexão, e aquele sentimento de ser amado, de ser abraçado, ir embora. De alguma forma, o teste de masculinidade, segundo os homens, era a disposição para aceitar essa perda, para não falar sobre isso nem mesmo na sua raiva interior. Triste e tragicamente, esses homens, em sua maioria, se lembravam de seu primeiro momento de desgosto e de sua dor no coração: o momento em que foram forçados a desistir de seu direito de sentir, de amar, para assumir seu lugar enquanto homens patriarcais.

Todo aquele que tenta criar amor com um *parceiro emocionalmente inconsciente sofre*. Livros de autoajuda em abundância nos dizem que não podemos mudar ninguém a não ser nós mesmos. Obviamente eles nunca respondem à questão do que irá motivar homens numa cultura patriarcal - ensinados que amar os torna menos homens - a mudar, a escolher amar, quando a escolha significa que devem se colocar contra o patriarcado, contra a tirania do familiar. Nós não podemos mudar os homens, mas podemos encorajá-los, implorar, e afirmar sua vontade de mudar. Nós podemos respeitar a verdade de seu eu interior, uma verdade que talvez eles sejam incapazes de falar: que eles anseiam se conectar, amar, e serem amados.

The Will to Change: Men, Masculinity and Love responde as questões sobre amor feitas por homens de todas as idades em nossa cultura. Eu escrevo em resposta a questões sobre amor feitas a mim pelos homens que conheço mais intimamente. Homens que ainda estão trabalhando para achar seu caminho de volta ao seu próprio compassivo e emocionalmente expressivo eu que conheciam antes de os fazerem silenciar seus anseios e fechar seus corações.

The Will to Change é a oferta que trago ao banquete da reivindicação masculina e recuperação do seu próprio eu, de seu direito emocional a amar e ser amado. Nós mulheres fomos levadas a acreditar que podíamos salvar os homens em nossas vidas dando a eles amor, que esse amor serviria como a cura para todas as feridas infligidas pelos abusos tóxicos em seus sistemas emocionais, para todos os ataques emocionais que seus corações sofrem todos os dias. Mulheres podem compartilhar nesse processo de cura. Nós podemos guiar, instruir, observar, compartilhar informações e ferramentas, mas nós não podemos fazer pelos meninos e homens o que eles têm que fazer por si mesmos. Nosso amor ajuda, mas ele, sozinho, não salva meninos ou homens. Por fim, meninos e homens salvam a si mesmos quando aprendem a arte de amar.